

NOVAS FORMAS DE PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO: SEGREGAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL DO MUNICÍPIO DE RESENDE – RJ

Thamires Lacerda Chaves Bispo¹

Raiza Carolina Diniz Silva²

121

121

Resumo: O presente texto analisa as novas formas de produção do espaço e de ocupação do solo urbano no município de Resende (RJ). Na primeira parte, apresentamo-la como uma cidade média de extrema importância para sua microrregião, o Vale do Paraíba. Em seguida, em função do crescimento e do espraiamento do tecido urbano, constatamos o surgimento de novas centralidades, tal como o novo sub-centro denominado Grande Alegria. Resgata-se aqui desde sua formação, cujo intuito era criar um bairro popular com conjuntos habitacionais, até o momento atual, caracterizado pela produção de condomínios fechados. Conclui-se que eles são responsáveis por segregar e engendrar descontinuidades espaciais.

Palavras-chave: espaço urbano; cidades médias; espraiamento urbano; segregação sócio-espacial; Resende (RJ).

NEW FORMS OF URBAN SPACE PRODUCTION: SOCIO-SPATIAL SEGREGATION IN THE MUNICIPALITY OF RESENDE – RJ

Abstract: The study aims to analyze the new forms of production and occupation of urban land in the city of Resende, in the state of Rio de Janeiro. The first section introduces Resende as a medium-size city of utmost importance to its micro region, the Vale do Paraíba region. In the next section, the work focus on new centralities, as for the growth and sprawling of this city. In light of the emergence of a new sub-center, Grande Alegria, new spatial dynamics are responsible for producing this space. The paper presents the region of Grande Alegria since the beginning of its formation, which has arisen with the main goal of creating a popular housing neighborhood, until the current form of spatial production, such as condos, which segregate and create spatial discontinuities.

Keywords: Medium-size City, Urban Sprawling, Socio-spatial Segregation

**NOUVELLES FORMES DE PRODUCTION DE L'ESPACE URBAIN:
SÉGRÉGATION SOCIO-SPATIAL DANS LA MUNICIPALITÉ DE RESENDE
(RJ)**

Résumé: Cet article analyse les nouvelles formes de production de l'espace et d'occupation du sol urbain dans la municipalité de Resende (RJ). Dans la première partie, on la présente dans la condition d'une ville moyenne d'énorme importance pour la microrégion appelée Vale do Paraíba. A la suite, en fonction de la croissance et de l'élargissement du tissu urbain, on observe l'apparition des nouvelles centralités tels que le sous-centre nommé Grande Alegria. On reprend dès sa formation initiale, dont le but était la création d'un quartier populaire, jusqu'à l'actualité, caractérisée par la production des condominiums résidentiels fermés. Notre conclusion c'est qu'ils sont responsables pour la ségrégation et pour la création des discontinuités spatiales.

Mots-clés: l'espace urbain; villes moyennes; l'élargissement urbain; ségrégation socio-spatial ; Resende (RJ).

Introdução

O trabalho faz um recorte sobre a região da Grande Alegria que se situa na porção oeste do município de Resende, no Estado do Rio de Janeiro. Resende é uma cidade média, pois ocupa um posicionamento intermédio entre duas grandes cidades, Rio de Janeiro e São Paulo. Está às margens da BR-116, Rodovia Presidente Dutra, na microrregião do Vale do Paraíba, no Sul do Estado. Vale ressaltar a raiz do conceito de cidade média, no qual Resende está inserida. Uma cidade com uma condição intermediária, uma polarização urbana que desempenha um papel de equilíbrio do sistema urbano, face à tendência hegemônica do crescimento das grandes metrópoles (SPOSITO, 2013), diferente do que o termo nos evoca a pensar sobre cidade média, como uma cidade de porte médio. E é a partir desse conceito que o trabalho parte analisando as produções espaciais urbanas em uma cidade média.

Porém, apesar de considerarmos que uma cidade média possui suas especificidades (SPOSITO, 2001; SOARES, 2007; FRANÇA, 2007), vimos que Resende possui similaridades com o desenvolvimento urbano de grandes metrópoles, nos levando a acreditar que as cidades médias podem acompanhar o movimento geral das dinâmicas de grandes cidades do país.

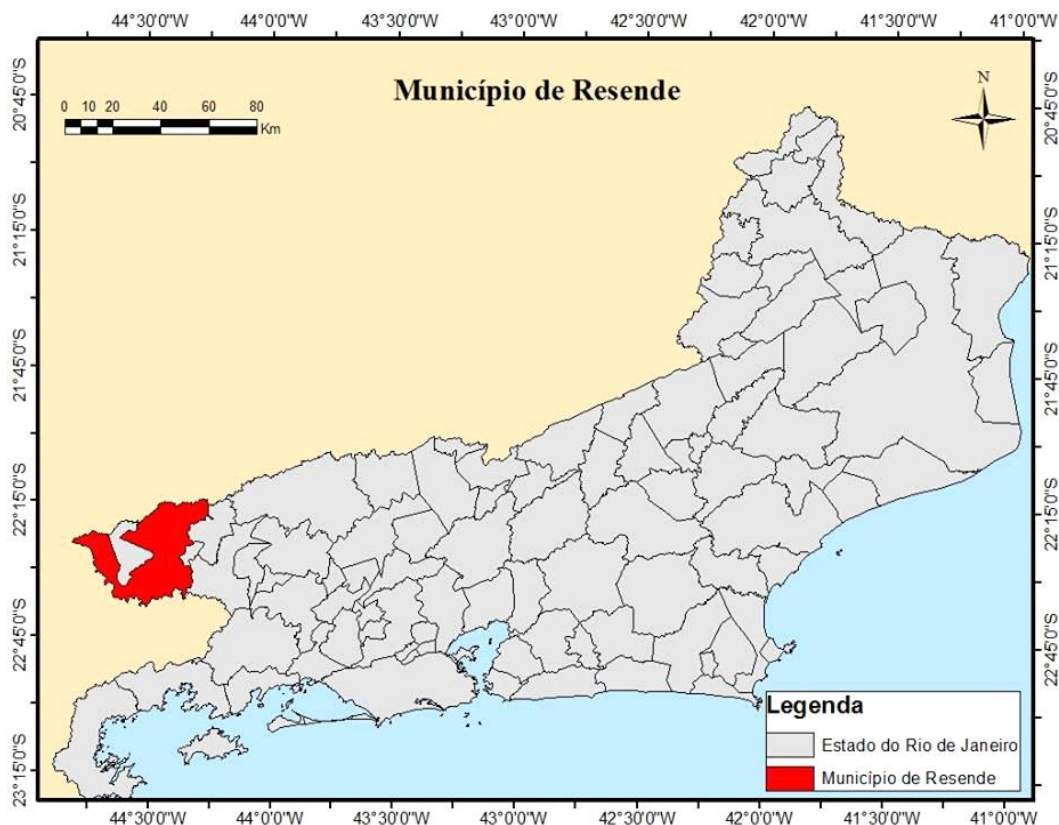


Figura 1: Localização geográfica do município de Resende. Cidade entre o limite Rio-São Paulo.
Fonte:Elaborado pelas autoras

O município de Resende começou a crescer relativamente há pouco tempo, no começo da década de 90, com a chegada de indústrias, resultado da desconcentração industrial ocorrida nas grandes metrópoles. A sua localização favoreceu a concentração industrial por estar tão próximo de um eixo viário entre Rio-São Paulo. A chegada das indústrias começou a dinamizar a cidade e criar uma rede de fluxos econômicos que parte dessas cidades médias, como é o caso de Resende, para serem processados, sintetizados e respondidos pela metrópole (MELAZZO, 2012). Todo esse processo de desconcentração industrial, que teve seu auge nos anos 90, proporcionou mudanças no espaço ao redor das indústrias. No entanto, hoje o que se observa em Resende é uma cidade que se encaixou no modelo contemporâneo de cidade, independente dos resultados da indústria, e sofreu uma reestruturação econômica baseada em serviços e mercado imobiliário e desempenha papel fundamental dentro da sua microrregião.

O Surgimento de um sub-centro - Cidade Alegria

Buscamos entender o processo de transformação territorial de Resende a partir de sua expansão urbana, e principalmente compreender como as políticas de desenvolvimento econômica industrial intensificaram vetores de expansão e com isso evidenciaram práticas sócio espaciais de segregação. Essas políticas são impulsionadas a partir da década de 1950 e intensificadas a partir da década de 1990, com a instalação das cadeias produtivas metalmecânica e siderúrgica, e o processo de urbanização de Resende.

O processo recente de desenvolvimento urbano capitalista de Resende foi responsável pela ocupação urbana desigual principalmente para região oeste da cidade, na área conhecida como Grande Alegria. Essas práticas urbanas nos revelam a fase perversa no seio do desenvolvimento capitalista, a profunda desigualdade social nas cidades.

Com as políticas de desenvolvimento a partir da década de 1950 e posteriormente o processo de urbanização de Resende a parte oeste da cidade passou a ter uma alta concentração demográfica. Esta alta concentração requer infraestrutura, onde o poder público está inteiramente envolvido através da criação de incentivos para a chegada das indústrias, e com isso criando infraestruturas para a produção e reprodução capitalista.

Alguns grandes empreendimentos se destacam nesta dinâmica urbano-industrial: a instalação da Indústria Química de Resende (IQR), no ano de 1957, hoje Indústria Clariant S.A, e a construção do Conjunto Habitacional Cidade Alegria (CHCA), no início dos anos 1980, produzido pela Companhia Habitacional de Volta Redonda (COHAB-VR) em convênio com a Prefeitura de Resende e com recursos do antigo Sistema Financeiro de Habitação. (CARDOSO, 2013).

Com a instalação da indústria automotiva através das fábricas da Volkswagen Ônibus e Caminhões, em 1996, e da PSA Peugeot Citroën, em 2001, Resende passa por uma lógica de reestruturação urbana onde há, a partir dessa lógica, a construção de um possível subcentro no município, no bairro popular da cidade alegria (SOUZA, 2010). A Grande Alegria foi loteada principalmente a partir de 1980, onde todos os empreendimentos eram próximos de áreas industriais.

A construção do conjunto habitacional Cidade Alegria, o primeiro conjunto a ser criado, foi um marco no desenvolvimento da cidade e da expansão da ocupação das terras na direção oeste a fins de moradias populares. Essa expansão revela políticas de desenvolvimento urbano industrial marcadas por um processo clássico de construções de periferias. Logo após a construção desse conjunto sucederam outros, se estendendo a construção de diversos bairros com temporalidade diferentes: o Jardim Primavera I, II e III, Toyota I e II, Jardim Beira Rio, Jardim Alegria, entre outros. Esses conjuntos habitacionais seguem um padrão de construção e expandiram na região oeste da cidade, em uma paisagem marcada socialmente por segmentos de classes média e média baixa.

A Grande Alegria é a área que permeia todos esses bairros, sendo a Cidade Alegria o bairro mais antigo e populoso da área. Sua ocupação origina-se da construção do primeiro conjunto habitacional da parte Oeste, o conjunto habitacional Cidade Alegria, que foi um grande atrativo para o local. Na época a construção do bairro era considerada remota, principalmente pela falta de infraestrutura e a distância do centro. Hoje o bairro já é assistido com infraestrutura, serviços, comércio, setores de saúde e transporte, o que constitui um atrativo para a população de outros bairros da Grande Alegria.



Figura 2: Área da Grande Alegria Fonte:Wikimapia

Com o crescimento demográfico, e devido ao distanciamento desses bairros com a área central, são necessários meios que possibilitem a reprodução social, surgindo assim um subcentro na área da Grande Alegria, localizado na Cidade Alegria, que foi o

primeiro eixo de expansão na parte Oeste do município. Assim se materializam subcentros a partir de uma nova lógica de reestruturação urbana, que está diretamente ligada à expansão urbana, onde há cada vez mais o distanciamento entre centro e periferia, gerando diferentes especializações dos equipamentos urbanos, agravando as desigualdades sociais.



Figura 3: Supermercado na Cidade Alegria. A desconcentração dos serviços ratifica o surgimento de um subcentro. Foto das autoras.



Figura 4: Comércio na Cidade Alegria. Rua comercial do Bairro Cidade Alegria. Foto das autoras.

Segregação Sócio-Espacial na Região da Grande Alegria

O trabalho centrou-se no estudo da atual morfologia urbana expressa na região da Grande Alegria, e para entender todo esse contemporâneo cenário é preciso discutir o processo de segregação que age na cidade. Sposito (2013) destaca que a palavra segregar é sempre de natureza espacial. É um processo expressado no espaço resultado de relações sociais de diferentes grupos que veem a necessidade de separar a partir de seu modo de vida, rompendo o conceito de cidade e a possibilidade de participação e convívio dos indivíduos que movem a vida urbana.

No caso de Resende, vamos tratar da segregação e a autosegregação, trabalhados por Corrêa (CORRÊA, 1989), como par que funciona dialeticamente e constitui uma região fragmentada, que não compartilha e não convive, apesar de coexistirem em um mesmo espaço. A questão da segregação é muito mais complexa e não é somente explicada por distanciamentos sociais, podendo ser contextualizadas de acordo com a escala temporal a ser estudada. No caso de Resende o que se observou foi a revelação dessas distâncias no plano espacial desde a instalação de conjuntos habitacionais na porção oeste da cidade, até a dinâmicas mais atuais com os condomínios fechados.

Resende inicialmente configurou uma forma de segregação típica de afastamento espacial, onde o crescimento do tecido urbano originou áreas mais afastadas do centro, nas quais a população se constituiu a partir de políticas habitacionais para as classes mais baixas, em um processo de periferização. Tratamos aqui a segregação não pela distância da área com o centro, mais pela dificuldade de acesso dos meios de produção e reprodução desse centro.

O processo de periferização aqui citado está relacionado ao modo de produção capitalista do espaço, no qual a terra passa ser um produto a ser comercializado, onde áreas centrais são bem mais valorizadas devido a sua vantagem locacional (GOTTDIENER, 2010), assim a população economicamente menos favorecida é “expulsa” para áreas mais afastadas. O poder público com a criação de conjuntos habitacionais tem um papel fundamental nesta dinâmica, pois facilita o acesso à moradia nessas áreas rarefeitas criando certa infraestrutura para a população com menor poder aquisitivo.

Recentemente, a forma urbana passou por alterações e a relação centro e periferia foi rompida com a instalação de condomínios fechados na região da Grande Alegria. Isso mostra e reafirma o que já foi discutido anteriormente que não é somente a distância que vai expressar as segregações. Agora os condomínios co-habitam em um mesmo espaço com conjuntos habitacionais e sua separação vai ser baseada em barreiras físicas como muros e portões. A distância social existe e essa não será superada, porém a distância espacial já não é mais suficiente para explicar os processos de segregação, que de acordo com a evolução urbana tendem a se complexar ainda mais. Segundo Carlos, a segregação é o resultado da contradição que produz o espaço urbano, que é dialeticamente o valor de uso e valor de troca (CARLOS, 2013). Segregar aos moldes contemporâneos está ligado ao valor de troca do espaço, no qual a cidade funciona como mercadoria e o mercado imobiliário encontra no espaço uma maneira de acumular capital. Esse espaço como mercadoria também implica aos acessos, que agora vão ser restritos a iniciativa privada e aqueles que podem pagar.

A construção de uma cidade fragmentada em porções distintas uma das outras, revela a segregação em seu grau mais elevado, tornando privado o solo urbano, que cabe discutir sua legitimidade. Vale ressaltar a contradição

homogeneidade-fragmentação, pois é necessário se pensar o espaço para dentro dos muros, um espaço homogêneo que não há intercambialidade. Para fora dos muros a realidade distinta, baseada na reprodução do espaço fragmentado.

Outro ponto muito discutido por Carlos (2013) e Sposito (2013) é quanto à crise do espaço público nesse modelo de cidade, no qual o cercamento de áreas que permitiriam as relações sociais para a produção do espaço urbano estão cada vez mais privatizadas, em seu sentido literal da palavra, em privar o acesso e o uso. O valor de uso, como condição necessária a realização da vida (CARLOS, 2013) está sendo superado pelo valor de troca, propiciando o encolhimento da esfera pública o que nos volta a debater o que já foi iniciado por Lefebvre (1991) acerca do direito à cidade.

“Questões de segregação, fragmentação e crise do espaço público colocam em pauta o esgotamento da cidade como forma de reprodução de relações sociais ...”

Essas questões de segregação, fragmentação e crise do espaço público colocam em pauta o esgotamento da cidade como forma de reprodução de relações sociais a partir do momento que a demanda do capital e do valor nos espaços cercam áreas que possibilitariam trocas entre os indivíduos, e na autosegregação e enclausuramento de uma parte da população “presa” atrás dos muros.

Os conjuntos habitacionais

Como dito anteriormente a Grande Alegria é a área que inclui os bairros da parte oeste do município de Resende. Vamos tratar aqui a Grande Alegria como uma região, onde suas características se permeiam na paisagem construída por conjuntos habitacionais. Esta paisagem recentemente ganha um novo perfil: moradores de classe média alta, com alta renda, em condomínios de luxo, constituindo bairros ricos que envolvem bairros pobres.

Com a expansão urbana de Resende e com o crescimento demográfico pela atração dos investimentos, a ocupação urbana se fez cada vez mais distante do centro e este crescimento trouxe consigo a necessidade de habitação. O poder público começa a criar soluções em larga escala, criando os conjuntos habitacionais. Inicialmente foi construído o conjunto habitacional cidade alegria e posteriormente vários outros conjuntos habitacionais, desbravando esta parte do município, transformando cada vez mais a área rural em urbana. Em paralelo começa a crescer as autoconstruções, produzindo em conjunto com os loteamentos, uma paisagem marcada por segmentos de classe média e classe média baixa.

Esses conjuntos habitacionais tiveram grandes dimensões, e em função de seus tamanhos, eles próprios constituíram suas centralidades, produzindo bairros. Porém esses conjuntos, desde sua gênese, possuem um conteúdo de baixa renda, além de serem produzidos em áreas distantes do centro, sem assistência de infraestrutura e com precário sistema viário. Portanto a partir desses loteamentos foi criada uma grande região periférica em Resende, a Grande Alegria, constituída por diversos bairros populares.



Figura 5: Conjunto habitacional Cidade Alegria. Foto das autoras.



Figura 6: Conjunto habitacional Cidade Alegria. Foto das autoras.

Os conjuntos habitacionais seguem um padrão, não possuindo variedade nem diversidade de construções. Isso pode ser percebido em toda Grande Alegria, cheia desses loteamentos. Assim como na maioria dos conjuntos habitacionais, estes são constituídos na franja da cidade, construídos em espaços rarefeitos, revelando uma precariedade tanto em suas construções como social.

Enclaves Fortificados

A partir do surgimento dessa nova centralidade no Município de Resende, com o espraiamento da própria cidade, uma produção sócio espacial foi caracterizada especialmente pela construção de um cinturão de condomínios fechados na franja do município, na região da Grande Alegria. Esta, que desde seus primórdios teve origem popular, com unidades habitacionais destinadas à classe baixa e operária da região, atualmente experimenta novas formas de produção desse espaço com a chegada de empreendimentos voltados para outra parcela da população, com condições para usufruir dos benefícios oferecidos nos limites dos portões.

Enclaves fortificados geram cidades fragmentadas em que é difícil manter os princípios básicos de livre circulação e abertura dos espaços públicos que serviram de fundamento para a estruturação das cidades modernas. Conseqüentemente, nessas cidades o caráter do espaço público e da participação dos cidadãos na vida pública vem sendo drasticamente modificado (CALDEIRA, 1997).

A avenida carrega consigo essa denotação de demarcar e segregar essas duas realidades tão diferentes na região, e que são expressas na paisagem, principalmente pela estética e arquitetura das moradias. Na parte baixa da região, a noroeste, estão os conjuntos habitacionais, que concentram uma população de baixa renda e a maioria do comércio dessa centralidade da Grande Alegria e a parte alta, a sudoeste, estão os condomínios fechados, caracterizados pelos seus muros, portões e cancelas que só reafirmam o caráter segregador desses empreendimentos.



Figura 7: Avenida que separa a Grande Alegria dos condomínios fechados dos conjuntos habitacionais. Fonte:Wikimapia

Vale ressaltar que as diferenças estão para além da paisagem, na verdade, ela só é reflexo de uma diferença social abrupta na Grande Alegria que produz descontinuidade no espaço. Esses condomínios são compostos por famílias de alto padrão, empresários e funcionários de altos cargos nas indústrias locais, ou seja, são moradores que podem pagar pelas regalias oferecidas pelos condomínios.

A localização desses empreendimentos, na franja do município de Resende, é explicada pelas ofertas de espaço, já saturada no centro e a fuga do caos decorrente das grandes e médias cidades, o que justifica o discurso de mercado para esses condomínios que oferecem espaço e tranquilidade. A segurança é outro atrativo para o mercado imobiliário. Já é sabido que com o crescimento das cidades a violência cresce concomitantemente, e a política do medo cria força nesse contexto e aterroriza a população. Morar em um local fechado por muros e portões significa ter segurança e estar imune à violência que aflige a cidade. A Grande Alegria é muito conhecida pela violência, o que fortalece o discurso da segurança no mercado imobiliário, o que segrega ainda mais.

Apesar de a Grande Alegria desempenhar um papel de centralidade no município, com ofertas de serviços e mercado de trabalho para população local, os moradores dos condomínios não utilizam esses serviços e sempre optam pelo centro de Resende para atender suas demandas, poupando ao máximo a mistura com os moradores das áreas mais pobres da região. O que justifica a localização dos enclaves às margens da Avenida Professor Coronel Antônio Esteves, que leva até o centro sem precisar passar pela Cidade Alegria, principal bairro da região da Grande Alegria.

Com a chegada desses novos empreendimentos que são, teoricamente, recentes, a oferta de mercado de trabalho foi ainda mais ampliada. Atualmente, além de o próprio centro empregar a população local nos serviços oferecidos, há também oferta de empregos para dentro dos muros. A maioria ou se não todos os funcionários dos condomínios são da Grande Alegria, sendo de bairros mais pobres como Toyota e Jardim Primavera. Ocupam-se de pedreiros, porteiros, empregadas domésticas, jardineiros, vigias... Profissões que não requerem alto grau de escolaridade.

Todo este contexto veio proporcionar a diminuição nas distâncias percorridas e tempo gastos para chegar ao trabalho, isso porque os próprios moradores da Grande Alegria

ocupam as vagas de emprego oferecidas na própria região, sem precisar ir ao centro para procurar emprego. Esse novo cenário funcional observado na Grande Alegria só ratifica o papel de nova centralidade assumida pela região no município.

Os loteamentos e os condomínios fechados, voltados para segmentos de classe média, como Boa Vista I e II, Casa da Lua, Morada das Agulhas, Mirante das Agulhas, Morada do Bosque, Morada da Colina I, II e III, Bela Vista e os mais recentes e produzidos nas terras da antiga Fazenda Limeira, o Limeira Town House, Residencial Limeira Tênis Clube e o Terras Alpha Resende, ocupam as terras mais bem localizadas da região e formam uma espécie de cinturão de bairros de classes média alta e alta renda que circundam os bairros populares da Grande Alegria a partir do eixo viário. Cinturão este que expressa a segregação social no território (CARDOSO, 2013).



Figura 8: Entrada do condomínio Casa da Lua: segurança oferecida com uso de cancelas. Foto das autoras.

Resende nos últimos dez anos vem protagonizando diferentes investimentos econômico-industriais, destacando-se na chegada de novas cadeias produtivas. Na atividade industrial com o setor siderúrgico, o Grupo Votorantim, que se instalou na própria região da Grande Alegria, em 2009. E na construção e incorporação imobiliária, que atualmente representa o principal motor da economia gerando novos produtos de mercado e é o setor que mais tem empregado na região, como os condomínios fechados e, mais recentemente, o “bairro fechado” do loteamento AlphaVille, voltados

para os segmentos sociais de classe média-alta e de alta renda. Na mesma direção dos investimentos mais recentes do capital imobiliário, grandes redes de comércio atacadista e de shopping centers, se instalaram a partir de 2011. (CARDOSO, 2013). Todo esse cenário vem dinamizando e diversificando o mercado consumidor do município com diversas formas de produzir capital.



Figura 9: Entrada do condomínio Morada das Agulhas. Portões que protegem e segregam.
Foto das autoras.

Natureza para poucos: Terras Alpha Resende

O mais recente investimento imobiliário em Resende, que também percorre o eixo viário dos enclaves fortificados, é o Terras Alpha Resende, que pertence ao grupo muito conhecido no setor imobiliário pelos seus grandes empreendimentos horizontais, bairros planejados e núcleos urbanos, o AlphaVille. A empresa vende mais que lotes, vende uma marca de morar sustentavelmente, o que à leva a agregar mais valor do que os outros condomínios. Terras Alpha Ville está para além da segurança e tranquilidade, elas oferecem um modo de vida sustentável e próximo ao que é dito como natural, privando uma boa parte da população de usufruir desse espaço.

A filosofia do grupo Alphaville trata de criar um produto para o mercado imobiliário que possua algumas características de valor agregadas, entre elas um estilo de vida

bucólico e produtor de uma sociabilidade de autossegregação que se manifesta em uma dinâmica de vida que busca a autossuficiência para dentro dos muros do próprio loteamento (CALDEIRA, 2000).



Figura 10: Terras Alpha Ville – Seguindo a mesma linha dos enclaves fortificados.
Fonte: Wikimapia

A ação segregadora desses empreendimentos se constitui com base nos atributos oferecidos para quem vive pós-muros. O Alphaville surge como solução de resgate de harmonia com a natureza e privacidade do morador, costumes primitivos de relação homem e natureza, perdidos com o crescimento das cidades.

Um bairro com lotes grandes e com o ideário da proximidade da natureza em uma cidade que vem sofrendo intensas modificações nos últimos anos e, conseqüentemente sendo atingida pelas mazelas das cidades médias, torna-se objeto de desejo de qualquer morador. Com isso, o capital imobiliário se apropria da natureza de forma a conferir ao ambiente uma espécie de “marca” distintiva dos negócios que agrega valor aos novos produtos imobiliários e permite, assim, a extração da renda fundiária decorrente dos preços de monopólio (MARX, 1988). Porém, vale questionar, quem são esses moradores que podem usufruir deste espaço fechado?

Os novos anseios e ideais urbanos de moradia não se limitam mais à casa como propriedade particular, mas se estendem à privatização de seu entorno. Esses empreendimentos, além de enaltecem a propriedade privada a sua privatização, estão atravessando as próprias moradias, e estão privatizando o espaço, criando mais do que um bairro planejado, mas uma cidade dentro de outra, mais seletiva, com mais

opções de lazer, e principalmente segura, que veicula ser melhor do que aquela que está fora dos muros.

O AlphaVille é só mais um exemplo dessa cidade paralela e individualista, uma das marcas do atual período neoliberal que não se restringe apenas às falas e às ações, mas se materializa em formas espaciais voltadas à exclusividade. Cria-se assim uma privatização do espaço público, no sentido mais amplo do termo. Troca-se a noção de cidade aberta ao que é coletivo e comum por outra que privilegia um ideal de exclusividade. Segurança, lazer, educação, saúde, transportes e moradia se tornam mercadorias acessíveis somente aos que podem pagar por elas (MELGAÇO, 2012).

Em Resende, ou qualquer outra cidade média ou grande, essa tendência contemporânea de discontinuidades no território à partir dos enclaves fortificados tem sido cada vez mais evidente. Ao contrário do que se pensa ou veicula, os condomínios fechados não estão produzindo a segurança garantida pelo mercado imobiliário, mas estão fortificando as instabilidades sociais, fazendo da cidade um local de disputas e confrontos, potencializando as diferenças, reforçando os preconceitos e reproduzindo a segregação sócio-espacial. Ao invés de promoverem a existência de uma cidade para todos, os condomínios fechados têm servido como instrumento urbanístico para a construção de uma cidade de poucos (MELGAÇO, 2012).

Considerações Finais

A cidade de Resende, considerada uma cidade média, está perpetuando alguns problemas típicos de cidades grandes como, por exemplo, a segregação sócio-espacial, a fase perversa do desenvolvimento. A Grande Alegria é uma consequência da expansão urbana associada a políticas públicas e interesses privados. Uma paisagem repleta de desigualdades: em seu interior estão os espaços mais pobres, com segmentos de classe média e baixa, sendo os conjuntos habitacionais uma marca dessa paisagem; e no entorno estão espaços mais elitizados, com segmentos de classe média alta, tendo os condomínios fechados como marcas de uma área onde os muros são verdadeiras fronteiras que separam espaços e conteúdos sociais distintos. Portanto cabe analisar como as políticas de desenvolvimento que são ligadas a exigências capitalistas, podem produzir novas formas de produção e ocupação urbana,

estruturando problemas que estão enraizados neste sistema, como a segregação sócio-espacial urbana.

Referências Bibliográficas

CALDEIRA, Teresa Pires do R. *Cidade de Muros. Crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo, Edusp, 2000.

CALDEIRA, Teresa Pires do R. *Enclaves Fortificados: A nova segregação urbana*. Novos Estudos, CEBRAP. N.º 47, março 1997, pp. 155-176.

CARDOSO, Isabel Cristina da C. *Desenvolvimento urbano no município de Resende e a produção de desigualdades socioespaciais: aceleração dos ritmos de transformação dos modos de uso e ocupação do solo urbano*. Maranhão, 2013.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A prática espacial urbana como segregação e o "direito à cidade" como horizonte utópico*. In.: VASCONCELOS, Pedro A.; CORRÊA, Roberto L.; PINTAUDI, Silvana M. (orgs.) *A cidade contemporânea: segregação espacial*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 95-110.

CORRÊA, Roberto L. *O espaço urbano*. São Paulo: Ática 1989.

FRANÇA, Iara Soares de; SOARES, Beatriz Ribeiro. *Expansão Urbana em cidades médias: uma reflexão a partir do núcleo e da área central de Montes Claros no Norte de Minas Gerais*. Geo UERJ - Ano 9, nº 17, vol. 2, 2º semestre de 2007.

GOTTDIENER, MARK. *A Produção do Espaço Urbano*. – 2 ed.1.eimpr.-São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

LEFEBVRE, Henry. *O direito à cidade*; tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo, Editora Moraes (1991).

MELAZZO, E. *Marília: especialização industrial e diversificação do consumo. Trajetórias de uma cidade média*. In: SPOSITO, M. E. B.; ELIAS, D.; SOARES, B. R. (Orgs.). *Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Chillán e Marília*. São Paulo. Outras expressões, 2012. p. 161-282.

MARX, Karl. *O Capital. Crítica da economia política*. Vol 5, Livro Terceiro, Tomo 2 (Parte Segunda). São Paulo, Nova Cultural, (Coleção Os Economistas), 1988.

MELGAÇO, Lucas. *A cidade de poucos: condomínios fechados e a privatização do espaço público em Campinas*. Boletim Campineiro de Geografia. v. 2, n. 1, 2012.

SOUZA, Raquel Gomes. *A construção do bairro popular Cidade Alegria na cidade de Resende (RJ) segundo a lógica de reestruturação produtiva e da cidade*. Anais do XVI

Encontro Nacional de Geógrafos. Porto Alegre, 2010.

SPOSITO, M. Encarnação. *Segregação socioespacial e centralidade urbana*. In.: VASCONCELOS, Pedro A.; CORRÊA, Roberto L.; PINTAUDI, Silvana M. (orgs.) *A cidade contemporânea: segregação espacial*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 61-93.